

# O ENSINO DAS CONJUNÇÕES NUMA PERSPECTIVA SINTÁTICO-SEMÂNTICA

**Renato de ARAUJO**  
renatoozem@gmail.com  
DLA – UEPB

**Linduarte Pereira Rodrigues (UEPB)**  
linduarte.rodrigues@bol.com.br  
DLA/PPGFP – UEPB

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se justifica pela sua contribuição a reflexão do ensino de língua portuguesa no que diz respeito ao ensino de análise linguística em sala de aula. Muitas vezes, o aluno pode se perguntar “para que estudar gramática?” Essa pergunta surge se não mostrarmos os diversos usos que fazemos dos vocábulos de nossa língua em situações comunicativas distintas.

A conjunção, por exemplo, é uma classe gramatical que, de acordo com o uso que se faz dela, pode mudar o sentido de acordo com o contexto de uso. Segundo Bechara (2009), as conjunções aditivas, dentro de uma perspectiva semântica, podem exercer relação de “causa”, “consequência”, “oposição” etc., dependendo da situação comunicativa em que for empregada.

Esses conectivos também exercem a função de operadores argumentativos, visto que estão presentes em orações, enunciados, textos orais e escritos. Segundo Blasque (2013 *apud* KOCH, 2004, p. 1873), os operadores argumentativos são “certos elementos da gramática da língua que têm por função indicar (‘mostrar’) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam”. Esses elementos que ligam orações ou palavras da mesma oração, chamados pela gramática tradicional de “conjunções”, são tratados pelos linguistas de “operadores argumentativos”, pois introduzem argumentos de soma, oposição, explicação etc.

As conjunções, como elementos propiciadores de sentidos, também contribuem para o aspecto argumentativo da linguagem. Para a Teoria da Argumentação na Língua, a argumentação está inscrita na própria língua. Foi a partir disso que Ducrot criou a Semântica Argumentativa, teoria que enxerga a língua com

grande potencial argumentativa, e o sentido como sendo construído no encadeamento discursivo.

A argumentação é fundamental na linguagem porque é através dela que convencemos o outro a determinada continuação na enunciação. Em nossa enunciação trazemos componentes linguísticos e retóricos, como o pressuposto e o subentendido que causam efeitos de sentidos na interlocução. Sendo assim, Gomes (2003) defende que o pressuposto está marcado na frase ou enunciado e o subentendido é fruto de um processo interpretativo, o qual é preciso que o interlocutor acione os seus processos cognitivos (percepção, memória e raciocínio) estudados na semântica cognitiva.

Lakoff “preocupa-se com o modo como são apreendidas as experiências humanas e com o seu sistema conceitual” (GOMES, 2003, p. 86). A noção fundamental de experiência tem, no seu componente corporal, o elemento de ligação mais direta com a significatividade das experiências linguísticas. Ou seja, é a partir das nossas experiências que conseguimos compreender certos usos da língua.

Frente ao fenômeno apresentado, destacamos que o objetivo do presente artigo é, a partir da música “Conjunções” de Marcelo Darcini, mostrar a eficácia dos estudos semânticos no ensino das conjunções coordenativas, trabalhando com a realidade dos agentes da pesquisa, por meio de exemplos contextualizados do emprego desses conectivos, bem como os adaptando em recursos audiovisuais, com imagens e cenas de filmes, que retratam o cotidiano e contextualizam as sentenças trabalhada em sala de aula.

## **2 METODOLOGIA**

Partindo da hipótese de que os alunos estão acostumados a estudar gramática na escola numa perspectiva tradicional, abordando apenas o lado sintático e, às vezes, morfológicos dos estudos gramaticais, fizemos uma pesquisa ação de cunho qualitativo que durou do dia 16 de julho de 2013 até o dia 01 de agosto do mesmo ano numa escola da rede pública de ensino na cidade de Fagundes - PB. Assumimos uma turma de 8º ano para aplicar o conteúdo de

conjunções a partir da música “Conjunções”, de Marcelo Darcni<sup>1</sup>, contextualizada com imagens de trechos de filmes que retratam o lugar social, ideológico e cultural dos alunos dessa turma, auxiliando, assim, na direção dos sentidos propostos pelos operadores argumentativos estudados.

Desse modo, nos colocamos na posição de professores pesquisadores coletando dados e, ao mesmo tempo, mediando e participando do contato com os efeitos de sentido produzidos pelas palavras em análise, no caso, as conjunções.

## 2 A SEMÂNTICA DAS CONJUNÇÕES

Cada uma das palavras existentes na língua portuguesa possuem duas faces como uma moeda, um significado e um significante, como diz Saussure. Enfatizando, aqui, apenas o significado podemos dizer que ele não é estático, mas dinâmico, está em constante movimento. Podemos perceber isso em palavras que possuem um significante apenas e mais de um significado, ou seja, apenas uma expressão linguística para se referir a mais de um objeto no/do mundo. Um exemplo disso é a palavra “manga”, pois ao pronunciá-la podemos nos referir à fruta ou a parte de um tipo do vestuário humano: camisa. Esses efeitos de sentido também podem ocorrer com as conjunções.

Observe a figura:

Figura 1: Cinema



Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>

---

<sup>1</sup> Vocalista, guitarrista e compositor da banda Sujeito simples. Iniciou na composição de músicas dessa natureza quando estava estudando para o vestibular de Curitiba. Para facilitar a sua compreensão do conteúdo transformava-os em músicas e depois dava para um professor da área revisar.

Acima temos uma imagem retirada do vídeo trabalhado em que o conteúdo pode ser captado por dois canais, a visão e audição. O enunciado apresenta um operador argumentativo que pode ser substituído por outro sem mudar o sentido.

- a) Fui ao cinema, **mas** não vi o filme.
- b) Fui ao cinema **e** não vi o filme.
- c) Eu **e** você fomos ao cinema, mas não vimos o filme.

Há situações comunicativas em que uma mesma conjunção pode possuir valores semânticos distintos. No exemplo (a), é destacada a conjunção “mas” que está com valor adversativo como já dito antes. Já em (b) a conjunção “e” aditiva relaciona duas orações “Fui ao cinema” e “não vi o filme”, ou seja, as mesmas que a conjunção adversativa “mas” relaciona em (a), mostrando que os operadores argumentativos mudaram, e que o sentido continua o mesmo. E em (c) temos a mesma conjunção “e” relacionando duas informações de mesmo valor sintático que são os pronomes “Eu” e “Você”.

Diante disso, podemos nos perguntar: Será que os conectivos expressos em (b) e (c) possuem o mesmo valor semântico? Acredita-se que não. Embora seja um conector classificado como aditivo, em (c), se vestiu de um valor diferente de quando empregado em (b), pois nesta, a conjunção estabelece um contraste relacionando duas informações com sentidos opostas, por isso, a conjunção “e” em (b) tem o valor adversativo, já que possui o mesmo valor semântico que a adversativa em (a). E em (c) a conjunção liga apenas dois pronomes de mesma função sintática, dois pronomes, portanto está no seu sentido original, de conjunção do tipo aditiva. Segundo Bechara (2009, p. 320):

Rico e inteligente e rico **e** desonesto, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre rico e desonesto apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado rico **mas** desonesto.

Por essa razão, é possível que haja esse efeito de sentido com os conectivos empregados em frases contextualizadas. Uma conjunção coordenativa do tipo aditiva, por exemplo, não introduz enunciado orientando-o apenas para um sentido específico de soma, mas também pode expressar um sentido de uma sentença cuja informação contida seja oposta a sentença anterior. Podendo, de acordo com a

situação comunicativa, o contexto em que se está produzindo o enunciado, direcionar o sentido para uma relação de adição, causa, adversatividade etc.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As conjunções são ensinadas, tradicionalmente, como sendo conectivos que servem para ligar orações e palavras de mesmo valor sintático. Essa prática tem sido alvo de críticas, pois não tem sortido muito efeito, causando aulas cansativas e desestimulantes. Somos produtores de sentidos e a cada dia atribuímos novos significados as palavras que utilizamos. É o que acontece com as conjunções, não servem apenas para ligar, e sim como operadores argumentativos que direcionam os sentidos dos enunciados reforçando sua argumentatividade de acordo com a intenção que se tem no processo de enunciação.

## **REFERÊNCIAS**

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLASQUE, Roberta Maria Garcia. **OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO PUBLICITÁRIO**. Disponível em: <[http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/os\\_operadores\\_argumentativos\\_no\\_discurso\\_publicitario.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/os_operadores_argumentativos_no_discurso_publicitario.pdf)>. acessado em: 01/09/2013.

GOMES, Claudete Pereira. **Tendências da semântica linguística**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.